

MULHERES E MÃES: dificuldades e superações durante a realização de um curso superior, um estudo com as graduandas do UNIFAGOC em Ubá-MG

PAULA, Janaina Correia de¹; CONDE, Patricia Peluso²; ARAUJO, Ludmilla Carneiro³; PEREIRA, Ana Amélia de Souza⁴; MOLLICA, Adriana Maria Vieira⁵; OLIVEIRA, Claudia Alexandre de Freitas⁶

¹ Pedagoga - Unifagoc. E-mail: jdepaula860@gmail.com

² Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: patricia.conde@unifagoc.edu.br

³ Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: ludmilla.araujo@unifagoc.edu.br

⁴ Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: ana.amelia@unifagoc.edu.br

⁵ Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: nae@unifagoc.edu.br

⁶ Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: claudia.oliveira@unifagoc.edu.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo conhecer as dificuldades que as mães-estudantes enfrentam e os mecanismos de apoio que elas possuem para conseguirem conciliar e cumprir a agenda de afazeres para realizarem um curso superior. O método utilizado para essa pesquisa foi o quali-quantitativo com um estudo de caso feito através de questionário aplicado presencialmente às discentes dos cursos ofertados no Centro Universitário Governador Ozanam Coelho (UNIFAGOC), situado no município de Ubá – MG. Concluiu-se que a maioria dessas mulheres possuem dificuldade acerca dessa conciliação, algumas vezes por falta de suporte da família ou por não portarem uma rede de apoio. Foi observado também que, apesar das dificuldades observadas, essas mulheres não pretendem abandonar os estudos, visto que o desejo de construir um futuro melhor fala mais alto do que o desgaste que a rotina exaustiva proporciona. A entrada e permanência dessas mulheres nos cursos superiores representam muito mais do que uma conquista pessoal, mas uma vitória de todas as mulheres que lutaram no passado para que isso fosse possível; portanto, almeja-se que seus exemplos sirvam de inspiração a outras mulheres-mães que desejam dar continuidade à vida acadêmica.

Palavras-chave: Mulheres Estudantes. Mães. Ensino Superior. Dificuldades na graduação.

1 INTRODUÇÃO

Ao tratar da escolarização feminina no Brasil, é importante analisar a trajetória da história da escola no país desde o período colonial, fase em que a educação da mulher era restrita às atividades do lar e para o lar, e lhes eram ensinados apenas trabalhos domésticos e maternos, a fim de se tornarem boas mães e esposas, pois, para a cultura daquela época, elas eram vistas

como seres inferiores e, por isso, não se considerava necessário que elas soubessem ler e escrever (BARBOSA; MONTINO, 2020).

A conquista dos direitos femininos relacionados à educação é um tema que envolve muitas questões contemporâneas, como a desigualdade na qualidade das oportunidades oferecida para as mulheres nos espaços acadêmicos, a interrupção ou descontinuidade dos estudos femininos e o impedimento do acesso ao ensino em alguns lugares. Até o século XIX, a escolarização da mulher não era possível e lhe era negada a possibilidade de aprender de maneira formal – dentro das escolas, como é hoje em dia – e quando essa permissão acontecia, o ensino era limitado às que faziam parte das classes mais ricas, porém ainda assim moldado pelos ideais do patriarcado (AGUIAR; PAES; REIS, 2019).

Palácios, Reis e Gonçalves (2017) afirmam que, com o passar do tempo, a sociedade sofreu algumas mudanças e a necessidade de uma realidade financeira confortável ficou ainda mais evidente. Essa situação foi vista pelas mulheres como uma oportunidade de lutar por mais espaço, mais voz, mais liberdade e mais igualdade e é diante desse panorama que a educação superior passa a ser considerada como uma possibilidade por muitas daquelas que buscam por uma melhoria de vida, mesmo diante das dificuldades enfrentadas ainda atualmente. Por essa razão, faz-se necessário a realização da presente pesquisa a fim de conhecer os principais obstáculos enfrentados por mulheres/mães ao ingressarem em um curso superior.

Embora seja notório o aumento da admissão feminina na graduação, a discriminação perdura e, desta vez, não pelo acesso e sim pela opção de curso escolhido já que muitos cursos ainda carregam o título de “masculinos”. Observa-se que o curso de Pedagogia tem uma representação significativa como opção profissional, muito provavelmente pelo reflexo da construção social no passado, quando era considerado possível para elas exercerem apenas carreiras “tipicamente femininas” (SOUZA *et al*, 2019).

A presença dessas mulheres nos ambientes universitários é ainda mais agitada quando são mães, e essa realidade é cercada por questões complexas sobre como conciliar esses papéis que ela desempenha, que por vezes envolve não somente estudo e maternidade, mas também um casamento e/ou trabalho externo. Apesar dos avanços do papel dessas mulheres na sociedade, elas ainda enfrentam dificuldades ao tentar conciliar a vida acadêmica com a vida pessoal, pensando por vezes em desistir do curso. Para que elas consigam estar presentes no ensino superior é necessário apoio, sendo ele familiar ou de políticas de incentivos, formando assim um conjunto de ações integrado, unindo diferentes núcleos que contribuem para o avanço no ensino superior dessas mães estudantes. (SILVA *et al*, 2020)

No intuito de compreender o contexto em que essas mulheres / mães /alunas se encontram, surge a problemática central dessa pesquisa: Quais são as dificuldades que essa dupla jornada provoca? Como essas mulheres reagem a essas dificuldades? Diante da realidade delas, há o sentimento de descontinuar os cursos? Em caso de afirmação, as obrigações familiares têm influência? como elas se organizam diante de todas as responsabilidades acadêmicas e domésticas? Como elas se sentem ao analisarem toda a trajetória delas? Diante desses questionamentos, o presente artigo tem como objetivo verificar e analisar a experiência universitária dessas mulheres em evidência, através de revisão bibliográfica acerca do tema e aplicação de questionário.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Mulheres x Escolarização: a trajetória histórica da mulher na escolarização

Pesquisas recentes destacam a superioridade no número de mulheres no cenário educacional brasileiro. Segundo o Inep (2021, on-line) “elas são, em grande parte, maioria entre estudantes e docentes, assim como lideram índices relacionados a cargos de gestão e à participação em avaliações”. Dados do Ministério da Educação (MEC) e do Inep de 2019 publicados em 2020 demonstraram que as mulheres possuem um maior índice de produtividade do que os homens, índices esses referentes à conclusão, permanência ou desistência dos estudantes em um curso ao longo do tempo (INEP, 2021).

A presença delas na educação é frequentemente notada, mas nem sempre foi assim. Durante séculos, a educação foi negada às mulheres. A elas era designado o direito apenas de aprender as responsabilidades domésticas, como afirma Palácios, Reis e Gonçalves (2017, p.106) quando dizem que “historicamente a mulher sempre foi vista como a provedora dos filhos e responsável pelos afazeres da casa, educadas para constituir família. A relação com a educação não passava de formalidades para ter uma boa família”.

O ensino escolar das meninas não era o mesmo que os meninos recebiam, como afirma Expilly (1935, p.401) ao citar um provérbio português, direcionado às moças da alta classe brasileira: “uma mulher é suficientemente educada quando pode ler com propriedade seu livro de orações e sabe como escrever a receita de geleia de goiaba; mais do que isso põe o lar em perigo”.

A educação, durante o Brasil colônia, esteve sob o controle dos jesuítas desde o século XVI e ficou sob seus cuidados até meados do século XVIII, quando a responsabilidade educacional foi passada para o Estado devido à reforma pombalina. Neste momento da história,

era concedido às mulheres o direito de frequentar aulas – desde que separada dos homens – e o direito de atuar no magistério lecionando para meninas. Com o passar do tempo, houve pouca mudança em se tratando da educação formal e pública, já que o acesso feminino à escolarização continuou restrito até o século XIX, quando a independência de 1822 trouxe novamente à tona a preocupação com a educação das mulheres (PEREIRA; FAVARO; SEMZEZEM, 2021).

No fim do ano de 1827 foi sancionada a Lei das Primeiras Letras, a qual estabelecia a criação de ensinos fundamentais e gratuitos que incluía as meninas e instituía salários iguais entre professores e professoras. Porém, mais uma vez, na prática não ocorria como o descrito, visto que a educação de meninos e meninas era diferente. A aritmética passada a elas era restrita, não se aceitava a coeducação e era impedido seu acesso a ginásios e academias. Em virtude disso, surgiu um projeto de lei, datado de 1830, o qual estabelecia a preferência por mulheres atuantes no magistério no ensino primário. Porém, as primeiras escolas ainda eram destinadas unicamente aos meninos. Apenas em 1835 foi fundada a primeira das escolas normais no Brasil destinadas à formação docente e aberta para ambos os sexos. (PEREIRA; FAVARO; SEMZEZEM, 2021; LOURO, 2004).

Entretanto, somente em 1876 surgia a sessão feminina na Escola Normal do Seminário da Glória, sendo possível, a partir desse momento, que as mulheres se profissionalizassem no magistério. Tais instituições foram criadas a fim de suprir o aumento na demanda escolar. Contudo, esse objetivo não estava sendo alcançado como esperado, já que, aos poucos, as escolas normais estavam recebendo e formando mais mulheres do que homens. Tal “feminização do magistério” não foi recebida sem resistência e para alguns “parecia uma completa insensatez” entregar a educação das crianças às mulheres, por serem despreparadas e “portadoras de cérebros pouco desenvolvidos”. (PEREIRA; FAVARO; SEMZEZEM, 2021; LOURO, 2004). Em contrapartida, surgia outro ponto de vista que defendia a inclinação natural que as mulheres tinham para lidar com as crianças, como apresenta Louro (2004, p.450) quando diz que “elas eram as primeiras e naturais educadoras, portanto, nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos”.

Para elas, foi difícil o acesso ao Ensino Fundamental e ainda mais complicado em se tratando do ensino superior. Somente em 1881, foi emitido o decreto imperial que permitia a matrícula das mulheres em cursos superiores. Todavia, a exclusão delas no ensino secundário inviabilizava seu ingresso ao ensino superior, pois era majoritariamente masculino e caro, somado ao fato de que os cursos normais não habilitavam as mulheres para as faculdades, perpetuando, assim, a segmentação de gênero já enraizada no sistema educacional brasileiro. A

primeira mulher no Brasil a adquirir o título de médica data de 1887 (BELTRÃO; ALVES, 2009).

Apesar do avanço lento, mas ainda assim notável, da escolarização feminina, foi apenas em 1961, quase um século depois, através da Lei nº 4.024 das Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) que foi estabelecida a igualdade de oportunidade de todos à educação, equivalendo todos os cursos de grau médio, possibilitando que as mulheres concorressem ao vestibular (BRASIL, 1961). Embora a possibilidade estivesse disponível desde a década de 1960, apenas em 1970 que o cenário estudantil começou a obter uma reversão quanto ao gênero predominante nesses meios, tornando as mulheres a maioria em todos os níveis de escolarização (BRANDÃO; ALVES, 2009).

2.2 Mães, donas de casa, o ensino superior e as dificuldades enfrentadas: a realidade das donas de casa e mães na graduação

A permanência das estudantes com duplas ou triplas jornadas nos cursos superiores é cercada por ações aplicadas para que os percalços sejam vencidos. Perante os desafios que as mulheres donas de casa/mães encontram no dia a dia para cumprir a agenda de obrigações, Ávila e Portes (2012) explicam que a melhor opção que essas mulheres enxergam é aproveitar o máximo que puderem em sala de aula, pois sabem que em casa ou no trabalho não terão tempo ou espaço para estudarem, tornando essa a principal estratégia usada por elas.

Ávila e Portes (2012) ainda acrescentam que um simples “faltar à aula” é uma opção apenas em casos extremos, visto que algumas demandas pessoais – como a saúde de um filho doente – podem exigir dias de ausência delas. Esses mesmos autores ainda pontuam que em algumas situações elas enxergam o “matar aula” como uma segunda opção para conseguirem cumprir todas as obrigações acadêmicas, sendo um “matar aula” para fazer um trabalho, estudar para uma prova ou resolver uma outra demanda universitária.

Lima *et al.* (2018) apresentam uma pesquisa com alunas que possuem essa tripla jornada e a resposta sobre conciliar trabalho, estudo e família tinha um denominador comum: o tempo. Elas relataram que a falta de tempo tornava esse malabarismo de responsabilidades difícil e que era necessária muita persistência e determinação. A pesquisa de Ávila e Portes (2012, p.815), com o mesmo segmento, descreve a realidade intensa dessas mulheres no trecho onde diz que:

Ter que desempenhar diariamente uma trílice jornada de trabalho não é tarefa simples. Para as mulheres que vivenciam essa realidade, a rotina diária é um corre-corre frenético para tentar dar conta de todos os segmentos de trabalho. Para grande parte das mulheres, a habilidade de separar e definir limites para os diferentes tempos/espacos é um grande desafio. Conciliar os três segmentos de trabalho é uma

fonte de estresse, ansiedade e pressão constantes. Isso as torna emocionalmente vulneráveis.

De acordo com os levantamentos feitos por Barbosa e Montino (2020), os resultados apontaram o cansaço físico e mental, a preocupação de ter com quem deixar os filhos e questões financeiras como sendo algumas das dificuldades encontradas por elas durante a tentativa de conciliar a vida pessoal com a acadêmica.

Aguiar, Paes e Reis (2019) ressaltam o fato da sobrecarga imposta/suportada por essas mulheres quando se desdobram para conseguir manter um emprego remunerado fora de casa, continuar a faculdade, lidar com a maternidade e com as atividades domésticas praticamente sozinhas, gerando, em alguns casos, um sentimento de culpa quando conseguem descansar ou ter um momento de lazer.

A falta de lazer, o pouco tempo, as muitas funções que são exercidas e a sobrecarga de tarefas pessoais, profissionais e estudantis são as principais dificuldades enfrentadas por essas mulheres que, em alguns casos, não conseguem nem o apoio da família para conciliar todas elas (AGUIAR; PAES; REIS, 2019; BARBOSA; MONTINO, 2020; ÁVILA; PORTES, 2012; LIMA *et al.*, 2018).

2.3 Mecanismos de apoio: alternativas que possibilitam a realização de um curso superior

Em virtude da correria do dia a dia e das muitas demandas que essas mulheres possuem, faz-se necessário a presença de mãos amigas que possam ajudar nessa jornada de multifunções. De acordo com as obras analisadas, a maioria das mulheres entrevistadas possuem apoio de terceiros para ficarem com as crianças e ajudar nos afazeres do lar enquanto estudam e trabalham; algumas têm auxílio do marido e familiares; algumas recorrem a babás e ajudantes domésticas; outras, a amigos (ÁVILA; PORTES, 2012; BARBOSA; MONTINO, 2020; AGUIAR; PAES; REIS, 2019; SANTOS, 2013; VERAS, 2015).

A fim de estabelecer o direito delas à educação de modo que fosse regulamentado por lei e, por consequência, respeitado, foi decretada em 1975 a lei nº 6.202, que atribui às gestantes o mesmo direito ao regime domiciliar antes já regulamentado pelo Decreto-Lei nº 1.044 de 1969 (BRASIL, 1975).

Com o intuito de garantir o acesso e permanência de estudantes vulneráveis economicamente no Ensino Superior, foi criado pela portaria do MEC nº 39, de 2007, e instituído em 2010. o Decreto nº 7.234, o qual apresenta o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) que trazia a creche como uma de suas vertentes de assistência, sendo esse

um dos poucos documentos oficiais que atendem essa demanda (VIANA, 2016; BRASIL, 2021). Segundo o PNAES:

Art. 2º São objetivos do PNAES: I – democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal; [...] Art. 3º [...] § 1º As ações de assistência estudantil do PNAES deverão ser desenvolvidas nas seguintes áreas: [...] VIII - creche; [...] Parágrafo único. As ações de assistência estudantil devem considerar a necessidade de viabilizar a igualdade de oportunidades, contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico e agir, preventivamente, nas situações de retenção e evasão decorrentes da insuficiência de condições financeiras. (BRASIL, 2010).

O ingresso e a permanência das mulheres que possuem essa dupla/tripla jornada se dá, portanto, à rede de apoio que criam, aos auxílios que o Governo pode possivelmente proporcionar, aos esforços pessoais que elas fazem e ao auxílio que a instituição de ensino também pode oferecer. É, por consequência, uma ação que engloba muitas partes para que a graduação seja conquistada.

2.4 Ambições e perspectivas: os bastidores do sonho do ensino superior

Partindo do princípio de que no mundo contemporâneo a sociedade ainda vê o ensino superior como um dos principais caminhos para o sucesso profissional, antes de dar início à vida acadêmica muitos candidatos procuram o incentivo de outras pessoas que já passaram por essa jornada estudantil, a fim de entenderem o processo e se sentirem motivados a dar mais um passo na carreira profissional (AGUIAR; PAES; REIS, 2019).

Uma das entrevistadas em estudos de Santos (2013, p.93) relata que “chegou um momento que eu pensei em desistir, mas, minha vontade de me formar era tão grande que eu dei um jeito para tudo”. Outra estudante entrevistada por Lima *et al.* (2018, p.61) expõe seus sentimentos ao descrever sobre a sua trajetória de vida na faculdade ao dizer que proporciona “sentimento de graça, vitória, superação, felicidade e orgulho”. Uma das entrevistadas de Aguiar, Paes e Reis (2019, p.4946-4947) diz que “minhas motivações são a realização profissional e pessoal também, pois sou a primeira da família de 11 irmãos a estar na universidade pública, além da motivação profissional para no futuro dar uma melhor condição de vida para a minha filha”. Uma das participantes do estudo de Amaral e Montrone (2010) reproduz uma fala de empoderamento e realização pessoal a respeito de concluir um ensino superior e diz “[...]eu quero mostrar para as outras pessoas que elas também podem fazer, elas também podem atingir, desde que lutem [...]’.

As participantes dos estudos realizados por Aguiar, Paes e Reis (2019), Lima *et al.* (2018), Veras (2015), Amaral e Montrone (2010) e Barbosa e Montino (2020) apresentaram

como principal motivação para a conclusão da graduação o desejo pessoal da realização de um sonho que, por conta de imprevistos no decorrer da vida, tiveram que ser adiados e/ou cancelados, e a vontade de proporcionar um futuro melhor para os filhos.

Essas mulheres ressaltam ainda o quanto a vivência universitária agregou a elas mais conhecimento e tato social e que essa sabedoria adquirida poderá agregar muito dentro e fora do ambiente de trabalho. Algumas relatam a mudança de comportamento perante a sociedade ao adquirirem melhor desempenho oral, como mostra uma entrevistada de Lima *et al.* (2018, p. 62) ao dizer que “adquiri a maior riqueza em conhecimentos, minha expressão oral já elevou, minhas dificuldades já foram superadas, em parte aprendi a ser crítica quando precisa”.

De modo geral, essas mulheres possuem todas um sentimento em comum: gratificação pessoal. Seus relatos contêm testemunhos de superação, de renúncias, de amor pela família, dedicação e vitória. São, notoriamente, guerreiras e exemplos de garra e força de vontade atrelada ao poder de cumprir uma decisão tomada apesar dos desafios que surgem no percurso.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, na qual aplica-se a metodologia qualitativa e quantitativa de forma conjunta. A pesquisa qualitativa segundo Minayo (2001, p. 21-22) “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Segundo Paschoarelli, Medola e Bonfim (2015), a pesquisa quantitativa pode ser entendida como sendo a explicação de um fenômeno através da coleta de dados – por meio de questionário, por exemplo – que serão posteriormente analisados estatisticamente. A atuação dos métodos juntos possibilita uma visão mais ampla sobre o estudo, como afirma Fonseca (2002, p.20) ao destacar que “a utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permitem recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente”.

A princípio foi realizado uma pesquisa bibliográfica sobre o tema tratado, seguido de uma coleta de dados feita através da aplicação de questionários às mães e às estudantes, a fim de compreender melhor as narrativas sobre a realidade individual dessas mulheres que escolheram cursar um ensino superior, paralelamente à função de mães e dona de casa. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p.131) a revisão bibliográfica tem “o objetivo de elaborar a contextualização da pesquisa e seu embasamento teórico, o qual fará parte do referencial da pesquisa”.

O questionário, por sua vez, pode ser definido como “técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores [...]” (GIL, 2008, p.121). O questionário do presente estudo faz uso da Escala de Likert. Essa é um dos tipos de escala de atitude mais utilizadas em pesquisas de satisfação. Ela é constituída de cinco itens, afirmações, que possuem como resposta uma variação de total concordância até total discordância sobre determinada afirmação: “Concordo totalmente”, “Concordo parcialmente”, “Não concordo nem discordo”, “Discordo parcialmente” e “Discordo totalmente” (BERMUDES *et al.*, 2016).

Ainda segundo Bermudes *et al.* (2016), essa escala vem sendo bastante utilizada devido ao seu maior diferencial: ela fornece um direcionamento sobre o posicionamento dos entrevistados em relação à pauta da pesquisa. Dessa forma, é possível saber a opinião geral sobre o assunto e ainda se obter uma percepção do nível dessa opinião.

Quanto aos meios, é uma pesquisa de natureza básica, sendo o estudo de caso adotado como procedimento técnico. A pesquisa básica envolve verdades e interesses universais e tem como objetivo gerar conhecimento novos que sejam úteis para o avanço da ciência (PRODANOV; FREITAS, 2013). O estudo de caso fundamenta-se em “coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 60).

Quanto aos fins desse estudo, caracteriza-se como sendo uma pesquisa descritiva, ao promover uma maior familiaridade com o problema, tendendo a torná-lo mais explícito, descrevendo as características de uma população/fenômeno por meio de coleta de dados através de questionários somados a relatos pessoais (GIL, 2002).

A população estudada foram as mulheres que já ingressaram no ensino superior com filhos pequenos em um dos 12 (doze) cursos superiores disponíveis no Centro Universitário Governador Ozanam Coelho (UNIFAGOC), situado no município de Ubá – MG, por meio de formulário elaborado com perguntas abertas e fechadas e divulgado presencialmente de forma impressa durante o mês de agosto de 2022 para aquelas que se sentirem à vontade para responder.

Pretendeu-se, por meio dessa interação com essas mulheres, conhecer e apresentar as dificuldades para chegarem aonde chegaram e os mecanismos que elas encontraram para permanecerem e finalizarem suas jornadas estudantis.

As devolutivas coletadas através desse questionário (descrito no Apêndice I) foram analisadas, apresentadas e descritas como conclusão desse estudo.

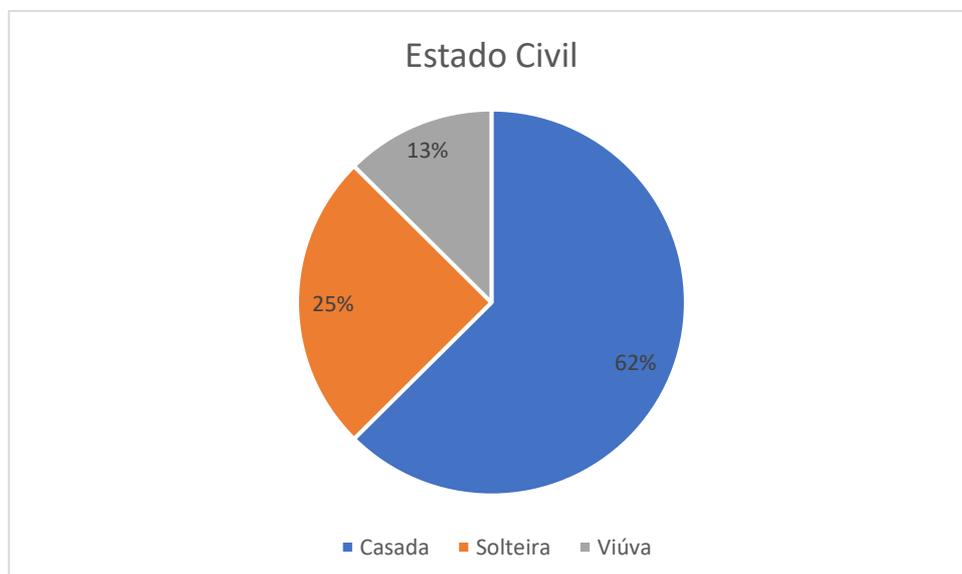
4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho teve como principal objetivo verificar e analisar a experiência universitária das mulheres mães através da aplicação de um questionário num dado espaço amostral afim de entender melhor qual é a realidade delas ao conciliarem a maternidade, a vida acadêmica e o emprego. Investigou-se sobre as dificuldades das várias jornadas que possuem, os efeitos dessas dificuldades e como elas reagem os percalços. Averiguou-se também sobre a vontade de desistir e os motivos e sobre como se sentem ao analisarem suas trajetórias.

O espaço amostral em questão foi o campus do Centro Universitário Governador Ozanam Coelho (UNIFAGOC), localizado em Ubá, MG. As alunas que concordaram em participar são alunas dos cursos oferecidos nessa instituição e terão a sua identidade preservada.

4.1 Dados demográficos

Esta pesquisa contou com a participação de 8 alunas na faixa etária de 24 a 40 anos, sendo 5 delas casadas, 2 solteiras e 1 viúvas (Figura 1). As idades dos filhos variavam de 2 meses a 6 anos, ou seja, todas elas são mães de criança. Dentre elas, 5 possuem 1 filho e 3 possuem 2 filhos. Todas desempenham a função de mães, estudantes e cumprem uma jornada de trabalho fora de casa. A renda familiar é de 2 a 4 salários mínimos, tendo uma média de 4 pessoas compondo o ciclo familiar.



A respeito dos cursos que elas estão, 2 fazem direito, 2 fazem pedagogia, 1 faz psicologia, 1 faz ciências contábeis, 1 faz enfermagem e 1 faz educação física. Os períodos que se encontram são variados, indo do 2º período até o 8º período.

Ao serem questionadas sobre qual a maior dificuldade no início do ensino superior, 50% delas relataram que a maior dificuldade é deixar o filho para ter que ir para a faculdade, como consta nos relatos a seguir:

Deixar a criança para ir para a faculdade. (ENTREVISTADA 1).

Abrir mão das horas com ele, pois além da faculdade eu trabalho. (ENTREVISTADA 2).

Deixar meu filho tão novinho com outras pessoas. (ENTREVISTADA 3).

Deixar eles no único tempo que tinha com eles. (ENTREVISTADA 5).

Na literatura consultada não existem bases que abordem essa questão, entretanto o cuidado e a responsabilidade para com os filhos recaem esmagadoramente sobre a mãe e isso acontece por ser uma consequência de uma crença estrutural que coloca a mãe como a maior responsável pelos filhos, surgindo então, a preocupação de não estar sendo presente o suficiente (AGUIAR; PAES; REIS, 2019).

Os outros 50% se dividiram entre conciliar tempo e a preocupação de com quem deixar o filho e sobre se daria conta de tudo e apenas 1 delas disse não ter tido dificuldades. Os relatos foram os seguintes:

Gestante no 6º e 7º período, nesses períodos foi difícil associar uma gravidez não planejada, o fato de ser mãe solo e todas as preocupações que surgem agora no último período é se vou dar conta de apresentar tudo que preciso para me formar até o final do ano. (ENTREVISTADA 4).

Eu tenho uma rede de apoio que me ajuda, não tive dificuldades apenas em questão de saúde. (ENTREVISTADA 6).

Tempo para conciliar tudo (ENTREVISTADA 7).

Conciliar filhos, casa, trabalho, faculdade e a viuvez (ENTREVISTADA 8).

A inquietação dessas mães sobre “dar conta de tudo” é plausível, visto que além de serem mães, trabalham fora e ainda estudam, e ao tentarem conciliar todas as tarefas, acabam ficando cansadas física e mentalmente, podendo acarretar baixa do rendimento acadêmico de algumas delas. A preocupação sobre com quem deixar o filho também entra como uma das dificuldades que elas enfrentam visto que algumas são mãe solo e nem todas possuem uma rede de apoio (SILVEIRA, 2019).

Ao serem questionadas se houveram renúncias durante a faculdade, 100% das entrevistadas concordaram plenamente e algumas acrescentaram:

Abaixar o salário, pois precisei reduzir a jornada de trabalho para conseguir chegar a tempo na faculdade, passar menos tempo com ele e com meu marido (ENTREVISTADA 2).

Trocar fins de semanas de lazer com meu filho, pelos estudos. (ENTREVISTADA 3).

O tempo de qualidade teve que sofrer algumas mudanças em questão de horários como por exemplo levar na escola. (ENTREVISTADA 6).

Tempo para ficar com minhas filhas e marido e os momentos de lazer. (ENTREVISTADA 7).

Renunciar o tempo livre à noite para ficar com os filhos. (ENTREVISTADA 8).

Através das respostas dessas mães é possível observar que a principal renúncia delas é a respeito do tempo que elas tiveram que deixar de passar com seus filhos. É possível notar pelos relatos que essas abdições perduram desde o início da graduação, como demonstrado nas respostas da pergunta anterior. Tais renúncias podem acarretar um sentimento de culpa, pois segundo Veras (2015), as mães consideram essa etapa da vida dos filhos um período que precisa ser aproveitado, pois é um tempo precioso que não volta mais.

A respeito do motivo que as levou a decidir cursar um ensino superior, 5 delas responderam que a escolha se deu ao desejo de melhorar de vida e 3 delas disseram ser para a realização de um sonho. Aguiar, Paes e Reis (2019) demonstram em seu estudo que o sentimento de querer melhorar de vida é uma das principais razões pela qual as mães optam por ingressar e/ou dar continuidade aos estudos, visando um futuro melhor e mais confortável para seu filho.

Apesar do desejo intenso de melhorar de vida e realizar o sonho do ensino superior, 7 das 8 entrevistadas afirmaram que já sentiram vontade de desistir da graduação. Esse sentimento surge pela exaustão que a sobrecarga das múltiplas demandas exige dessas mulheres. A autora Santos (2013) explica que as alunas-mães acabam se limitando a cumprir os horários obrigatórios, se desdobrando para estudarem - por vezes fazendo-o durante a madrugada - e restringindo-se de participar de eventos acadêmico devido as demandas particulares. A mesma autora afirma que para algumas mães-alunas torna-se comum faltar por não ter com quem deixar o filho ou até mesmo reprovarem em matérias que não tiveram tempo para se dedicarem. Esses motivos podem ser a razão do surgimento do desejo de pausarem suas jornadas acadêmicas.

Quando questionadas sobre possuírem ou não o apoio da família para continuar os estudos, 2 concordaram completamente, 5 concordaram parcialmente e 1 discordou

parcialmente, o que nos sugere que ainda que concordassem, algumas mães ainda tiveram que lidar com ressalvas em algum momento dessa trajetória, o que leva ao próximo ponto investigado que as perguntava se já foram criticadas por familiares por estudarem apesar das demandas pessoais, e a maioria - 6 das 8 entrevistadas - afirmou que sim. Os autores Ávila e Portes (2012) pontuam que essa relação de críticas com a família gera sentimentos negativos, sendo motivo de sofrimento e estresse emocional; e esse mesmo estresse emocional desperta nelas um sentimento duradouro de culpa.

Seguindo esse caminho foi questionado em seguida o que os familiares e companheiros acharam no início sobre serem mães estudantes, e as respostas foram as seguintes:

No início, ninguém achou que eu realmente iria, hoje tenho apoio do meu marido e dos meus pais.

Ninguém apoiou completamente, mas um casal é feito de 2 pessoas, então temos que entrar em acordo.

Acham que eu devia dar mais atenção para meu filho, porém sei que isso é para o bem dele no futuro.

Minha família somente me apoia, e me dão o suporte que preciso para dar conta.

Normal.

Eles me apoiam, mas na primeira oportunidade me cobram e jogam na cara

Não apoiam muito.

Minha mãe e irmãos admiram por eu estar fazendo faculdade e o pai da criança é falecido.

É possível perceber através dos relatos dessas mulheres que, para algumas, o início da trajetória acadêmica pode ter sido complicado, devido ao pouco incentivo familiar enquanto para outras caracterizou-se como superação, e há ainda aquelas que estão sob constante vigilância, sendo observadas e julgadas. O fato de não receberem suporte e estarem sob constante observação a respeito do malabarismo que elas precisam fazer é possível deduzir o quão difícil essa fase da vida dessas mães pode estar sendo e, infelizmente, ainda há uma lacuna na literatura consultada a respeito das complexidades que rodeiam essa questão.

A pesquisa de campo também buscou investigar quais eram as percepções que essas mulheres tinham sobre serem mães e serem estudantes e as respostas são um misto de sentimento de dificuldade com o desejo de dar exemplo ao(s) filho(s), como pode-se perceber nos relatos a seguir:

Difícil, mas tento usar isso para incentivá-lo mesmo ainda pequeno, tento mostrar o quanto isso é importante para mim. (ENTREVISTADA 1).

É muito difícil a falta de estrutura e rede de apoio. (ENTREVISTADA 2).

Minha percepção é que não é uma tarefa simples, demanda muitos sacrifícios em relação a criança, pois já fico longe o dia todo longe do meu filho devido ao trabalho e a noite ainda preciso ir para a faculdade. (ENTREVISTADA 3).

É extremamente cansativo, mas não impossível. (ENTREVISTADA 4).

Não é fácil, mas sempre converso com eles que faço isso por eles. Ser mãe é incrível e conciliar isso com a faculdade é muito bom. (ENTREVISTADA 5).

É uma tarefa de coragem e saber dosar o tempo, a atenção, se fazer presente. (ENTREVISTADA 6).

Difícil, mas ainda é melhor estudar com elas pequenas porque quando estiveram maior vou poder estar com elas. (ENTREVISTADA 7).

É necessário força de vontade equilíbrio emocional e dedicação para dar conta de tudo. (ENTREVISTADA 8).

O sentimento de não ser uma tarefa fácil administrar a maternidade e a vida acadêmica simultaneamente é uma sensação comum entre a maioria das entrevistadas e aparece com frequência nos relatos delas. Os autores Barbosa e Montino (2020) explicam que enfrentar essa múltipla jornada pode gerar sentimento de culpa ao não conseguirem desempenhar com perfeição suas tarefas pessoais e acadêmicas, porém, apesar da pressão social e interna que essas mulheres enfrentam, elas ainda sim se demonstram como sinônimos de força, de superação e de conquista, e que seu legado será percebido e repercutido para além dessa geração, sendo referências de guerreiras, batalhadoras e que não se deixam abater pelas dificuldades que possam surgir.

A fala da Entrevistada 2 sobre a falta de uma rede de apoio abre gancho para a próxima questão que indagou a essas mães-alunas se elas possuem algum mecanismo de suporte que as auxilie a conciliar todos os afazeres, e as respostas foram as seguintes:

Sim, tenho rede de apoio pago e rede apoio familiar.

Eu e meu marido estamos tentando entrar em acordo com as divisões de tarefas, uso o horário do almoço para estudar.

Sim, tenho uma rede de apoio familiar muito boa, onde há quem fique com meu filho para que eu venha para a faculdade.

Sim, tenho uma rede de apoio que me ajuda e continuarão ajudando até o fim do curso (meus pais).

Procuro me organizar. Trabalho, faço as tarefas de escola com eles e tenho meu marido que tenta suprir minha ausência com eles.

Meu pai me ajuda muito.

Não.

Não.

Diante das respostas obtidas pode-se perceber que a maioria delas tem apoio de familiares ou auxílio pago, entretanto a resposta da Entrevistada 2 destaca mais uma vez que ela e o marido ainda estão tentando entrar em acordo a respeito da divisão de tarefas como já mencionado anteriormente, confirmando não possuir apoio pleno do seu companheiro ainda. As entrevistadas 7 e 8 são incisivas e apenas respondem que não possuem nenhum mecanismo de suporte. Atrélendo as 3 últimas respostas dessas alunas, pode-se perceber que, ainda que a maioria conte com o suporte da família, marido ou auxílio pago, nem todas disfrutam desse suporte, sendo possível concluir que para algumas delas a vida acadêmica tem sido bem mais desafiadora do que se pode perceber através das respostas.

Para além dos questionamentos sobre a percepção externa para com a trajetória dessas mulheres, buscou-se também conhecer como elas se sentiam ao conciliar todas as demandas:

Costumo dizer que é um malabarismo de pratos, tem momentos que consigo equilibrar vários pratos (maternidade, faculdade, trabalho) em outros momentos tenho que deixar algum de lado. (ENTREVISTADA 1).

Exausta fisicamente, psicologicamente ao mesmo tempo que cansada, me sinto forte para buscar uma vida melhor. (ENTREVISTADA 2).

Muitas vezes me sinto culpada por estar longe dele e não exercer o papel de mãe que a sociedade machista exige. (ENTREVISTADA 3).

Ultimamente cansada e desmotivada, pensando que eu estou deixando de dar atenção para ela ainda mais sendo bebê, mas em contrapartida pensando que tenho que fazer tudo possível para terminar a faculdade e para dar orgulho a ela (entrevistada 4)

Cansada, mas buscando sempre continuar. (ENTREVISTADA 5).

Um grande desafio. (ENTREVISTADA 6).

Muito difícil conciliar, mas tenho a minha mãe para me ajudar vou superando a cada dia. (ENTREVISTADA 7).

Às vezes cansada, mas me sinto feliz por estar tendo essa oportunidade de ampliar os conhecimentos e até mesmo vejo como amparo diante do que ocorreu na minha vida (a viuvez). (ENTREVISTADA 8).

Diante das respostas obtidas fica explícito que apesar de não ser uma trajetória fácil, essas mães sempre buscam forças do desejo de vencerem, sempre fazendo seus “malabarismos de pratos” para conciliarem tudo e dar não somente um futuro melhor para os filhos, mas também orgulho para eles, sendo verdadeiras guerreiras. Perante da realidade dessas mães, Souza *et al.* (2019, on-line) enaltecem a força dessas mulheres e ressaltam que “a mulher contemporânea se descobriu, tem mostrado seu valor, sua força e sabe que o seu lugar é onde quiser estar e está aprendendo a fortalecer tanto sua individualidade quanto a sua vivência coletiva.”

Por fim, foi questionado a essas mulheres o que elas sentem quando analisam a sua trajetória até o momento da realização da pesquisa e as respostas foram as seguintes:

Em muitos momentos acho difícil, mas poder fazer algo por mim é libertador.

É difícil, principalmente sem rede de apoio, mas a vontade de querer crescer e ter uma vida melhor por ele é mais forte do que qualquer dificuldade.

Não é uma trajetória fácil, muitas vezes a culpa de não estar presente vem a mente e a vontade de desistir é grande. Mas aí fecho os olhos e me imagino no dia da colação Recebendo meu diploma junto com meu filho e minha família olhando, pois vou ser a primeira a formar em um curso superior, sinto que é a realização de um sonho meu e deles também Meu filho é meu incentivo e minha calma nos dias difíceis. Filho não é um atraso na vida acadêmica, é um incentivo a ir adiante mesmo com todas as limitações.

Difícil, cansativo e desgastante mas com muitas descobertas, motivações, sonhos renovados e uma luz no fim do túnel, é difícil mas não impossível.

Cada período pra mim é desafiador sinceramente me surpreendo comigo mesmo.

Sinto orgulho, os obstáculos me fizeram ser mais forte.

Feliz por estar conseguindo fazer o curso, superar os desafios a cada dia pois não são poucos.

Alegria e gratidão.

Todas elas, mesmo que em outras palavras, expressam sentimento de gratidão e orgulho sobre os feitos delas próprias. É nítido que ainda que passem por percalços, essas mães querem vencer, querem estar na faculdade, querem o diploma e querem um futuro melhor. A “luz no fim do túnel” brilha para todas elas e ainda que as falte apoio dos familiares, tempo – tanto para lazer como também com os filhos - e que o desânimo bata a porta, elas não estão dispostas a ceder e se mostram confiantes e vislumbrando o futuro melhor que desejam proporcionar aos filhos.

Perante as respostas obtidas fica nítido que essas mães possuem dificuldades, fizeram e ainda fazem renúncias, e, nessa situação, uma rede de apoio faz falta; mas mesmo diante de tudo isso, elas tomaram a rédea de suas vidas e desistir não é uma opção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema proposto neste estudo visou conhecer as dificuldades que as mães estudantes enfrentam, se possuem algum mecanismo de apoio, se sentem vontade de pausar os estudos, como se organizam diante dos afazeres e como se sentem quando analisam suas trajetórias.

Diante das análises feitas dos questionários aplicados, ficou evidente que essas mães ainda sofrem com a carga e a responsabilidade unilateral impostas a elas desde o passado, quando as únicas responsáveis pelos cuidados com o lar eram as mulheres.

Mesmo com as lutas travadas durante anos pelo feminismo, que visou à inserção das mulheres em assuntos da sociedade, nos tempos atuais elas ainda enfrentam dificuldades nas questões sobre a divisão de tarefas domésticas e em relação aos cuidados com os filhos, sendo ainda consideradas atividades femininas, que pesam sobre os ombros dessas mulheres.

No tocante às respostas obtidas através dos questionários, é possível perceber que as mulheres ainda que possuam suporte para conciliarem as tarefas diárias com os estudos, e enfrentam uma exaustão advinda das múltiplas funções, visto que ser estudante, por vezes, entra em confronto com o papel da maternidade e a mãe precisa escolher entre realizar as demandas do curso e dar atenção de que o filho necessita.

A dificuldade dessas mães, em sua maioria, concentra-se em deixar de passar tempo com o filho para ter que ir para a faculdade, fazer os trabalhos acadêmicos, estudar e participar das atividades estudantis. Ainda assim, essas mulheres encontram forças nos próprios filhos para continuarem, uma vez que o sonho de poder ofertar um futuro melhor para as suas crianças é maior que o sentimento de desgaste que pode surgir, fazendo com que suas determinações e empenhos sejam fontes de inspiração para quem as acompanha.

Nesse sentido, e para concluir, espera-se com o resultado desse trabalho, que a voz dessas mulheres sejam ouvidas, que elas sejam amparadas e motivadas sempre a continuarem. A entrada e permanência delas nos cursos representam muito mais do que uma conquista pessoal, a vitória de todas as mulheres que lutaram no passado para que isso fosse possível; portanto almeja-se que seus exemplos sirvam de inspiração a outras mulheres-mães que desejam dar continuidade à vida acadêmica.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Samara; PAES, Valquiria; REIS, Sônia. **Mulher, mãe, dona de casa e esposa: Dificuldades e superações para ingressar e permanecer na universidade pública.** Anais: VII Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 7, n. 7, p. 4935-4951, maio, 2019. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/viewFile/8923/8578>. Acesso em: 03 mar. 2022.

AMARAL, Débora Monteiro do; MONTRONE, Aida Victoria Garcia. Mulher, mãe, trabalhadora, militante e estudante. In: IV SIMPÓSIO SOBRE REFORMA AGRÁRIA E ASSENTAMENTOS RURAIS. Araraquara/SP, 2010. Disponível em: 03-Debora_Amaral (uniara.com.br). Acesso em: 16 abr. 2022

ÁVILA, Rebeca Contrera; PORTES, Écio Antônio. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 3, p. 809-832, 2012. ISSN 1806-9584 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300011>. Acesso em: 12 abr. 2022

BARBOSA, Rosimar Moraes; MONTINO, Mariany Almeida. MULHER UNIVERSITÁRIA: Dificuldades e superações para concluir o ensino superior. **Revista Multidebates**. Palmas, TO, v.4, n.6, p. 170-182, nov. 2020.

BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. D. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 136, p. 125 – 156, 2013. Disponível em: A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. | *Cadernos de Pesquisa* (fcc.org.br). Acesso em: 12 abr. 2022.

BERMUDES, W. *et al.* Tipos de escalas utilizadas em pesquisas e suas aplicações. **Revista Vértices**, Campos dos Goytacazes/, v. 2, n. 18, p.7-20, ago. 2016. Essentia Editora.

BRASIL, Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1961]. Disponível em: Portal da Câmara dos Deputados (camara.leg.br). Acesso em: 12 abr. 2022

BRASIL, Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975. Atribui às estudantes gestantes o direito de exercício domiciliar. Brasília, DF: Presidência da República, [1975]. Disponível em: L6202 (planalto.gov.br). Acesso em: 14 abr. 2022.

BRASIL, Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Brasília, DF: Presidência da República, [2010]. Disponível em: Decreto nº 7234 (planalto.gov.br). Acesso em: 14 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Superior**. Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). 2021. Disponível em: Programa Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes) — Português (Brasil) (www.gov.br). Acesso em: 13 abr. 2022.

EXPILLY, Charles. **Mulheres e costumes no Brasil**. Trad. Gastão Penalva. São Paulo: Companhia Nacional do Livro, 1935. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/138/1/56%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>. Acesso: 11 abr. 2022.

FONSECA, João José Saraiva da. Metodologia da pesquisa científica. Universidade Estadual do Ceará – UECE. 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. Editora Atlas S.A. 2008.

INEP. Institucional. Mulheres predominam em estudos, pesquisas e exames. Brasília: INEP, mar. 2021. Disponível em: Mulheres predominam em estudos, pesquisas e exames — Inep (www.gov.br). Acesso em: 05 abr. 2022.

LIMA, Adriana Rodrigues de; GONÇALVES, Maria Célia da silva; ZAGANELLI, Margareth Vetis; PRETE, Rossella Del. CODINOME BEIJA-FLOR: um estudo de caso sobre a tríplice jornada de mulheres e os desafios para concluir um curso superior. **ALTUS CIÊNCIA: Revista Acadêmica Multidisciplinar da Faculdade Cidade de João Pinheiro**, João Pinheiro, MG, v. 8, Ano VI, p. 50-68, jan./dez. 2018.

LOURO, Guacira. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7ed. p. 443-481. – São Paulo: Contexto, 2004. Disponível em: [mulheresnasaladeaula.pdf \(usp.br\)](#). Acesso em: 09 abr. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PALÁCIOS, K. C. M.; REIS, M. das G. F. de A. dos; GONÇALVES, J. P. A mulher e a educação escolar: um recorte da EJA na atualidade. **Revista de Educação Popular**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 104–121, 2017. DOI: 10.14393/REP-v16n32017-art07. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/39169>. Acesso em: 03 mar. 2022.

PASCHOARELLI, Luis Carlos; MEDOLA, Fausto Orsi; BONFIM, Gabriel Henrique Cruz. Características Qualitativas, Quantitativas de Abordagens Científicas: estudos de caso na subárea do Design Ergonômico. **Revista de Design, Tecnologia e Sociedade**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 65–78, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/design-tecnologia-sociedade/article/view/15699>. Acesso em: 02 mai. 2022.

PEREIRA, A. C. F.; FAVARO, N. de A. L. G.; SEMZEZEM, P.. Mulher, escolarização e tendências em curso. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 306–323, 2021. DOI: 10.9771/gmed.v13i3.46118. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/46118>. Acesso em: 12 abr. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2ª ed. Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: [E-book Metodologia do Trabalho Científico.pdf \(feevale.br\)](#). Acesso em: 03 mai. 2022.

SANTOS, Anita Leocádia Pereira dos. **Relações de gênero e educação superior: Uma análise das experiências de estudantes grávidas e mães do curso de ciências biológicas do CCA/UFPB**. João pessoa, Paraíba, 2013.

SILVA, Jeane Santana da; ALVES, Mirelle Brandão; CARVALHO Gleiciane Brandão; TAVARES, Ricarte; ARRUDA, Aziel Alves de; COSTA, Cristiane Dias Martins da. A MATERNIDADE NA TRAJETÓRIA UNIVERSITÁRIA: DESAFIOS PERCORRIDOS PELAS DISCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA CAMPUS VII CODÓ. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 42538-42550, jul. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/12515> . Acesso em: 30 jun. 2022.

SILVEIRA, Pâmela. **Ser mulher, mãe e universitária**: narrativas de estudantes do curso de pedagogia da universidade federal de santa catarina. 2019. Trabalho de conclusão de curso

(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, jun.2019.

SOUZA, Brenda Tomé M.; SANTOS, Maria Iraní F.; SANTOS, Marta Maria Araújo dos.; MONTEIRO, Ana Márcia Luna. **Vozes de mulheres de meia idade: desafios e enfrentamentos no processo de inserção no ensino superior.** Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Pernambuco, 2019. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39399/2403144/SOUZA%3B+SANTOS%3B+SANTOS%3B+MONTEIRO+-+2019.1.pdf/46eb2643-0a3c-4af4-9bb4-7a235326b586> Acesso em: 02 mar. 2022.

VERAS, Romaria Davina Vieira. **O percurso estudantil de alunas casadas do curso de pedagogia do CFP-UFCG: dilemas e superações da dupla jornada.** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, 2015.

VIANA, Catherine Alessa Maria de Novaes. **Educação e Maternidade: Minha experiência como estudante-mãe no curso de pedagogia da Universidade de Brasília.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2016.